

Luís Fernandes dos Santos Nascimento (1973-2022)

MÁRCIO SUZUKI

PROFESSOR NO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA USP

Não usufruiu da vida acadêmica
aquele para quem ela não fluiu em
profunda ligação com outros de
iguais sentimentos, no trabalho em
comum por convicção e luz nas
coisas que mais importam.

Friedrich J. W. Schelling, em
tradução de Rubens Rodrigues
Torres Filho

Como tu, eu parto e vou-me de
Coimbra, pois cá sempre fico

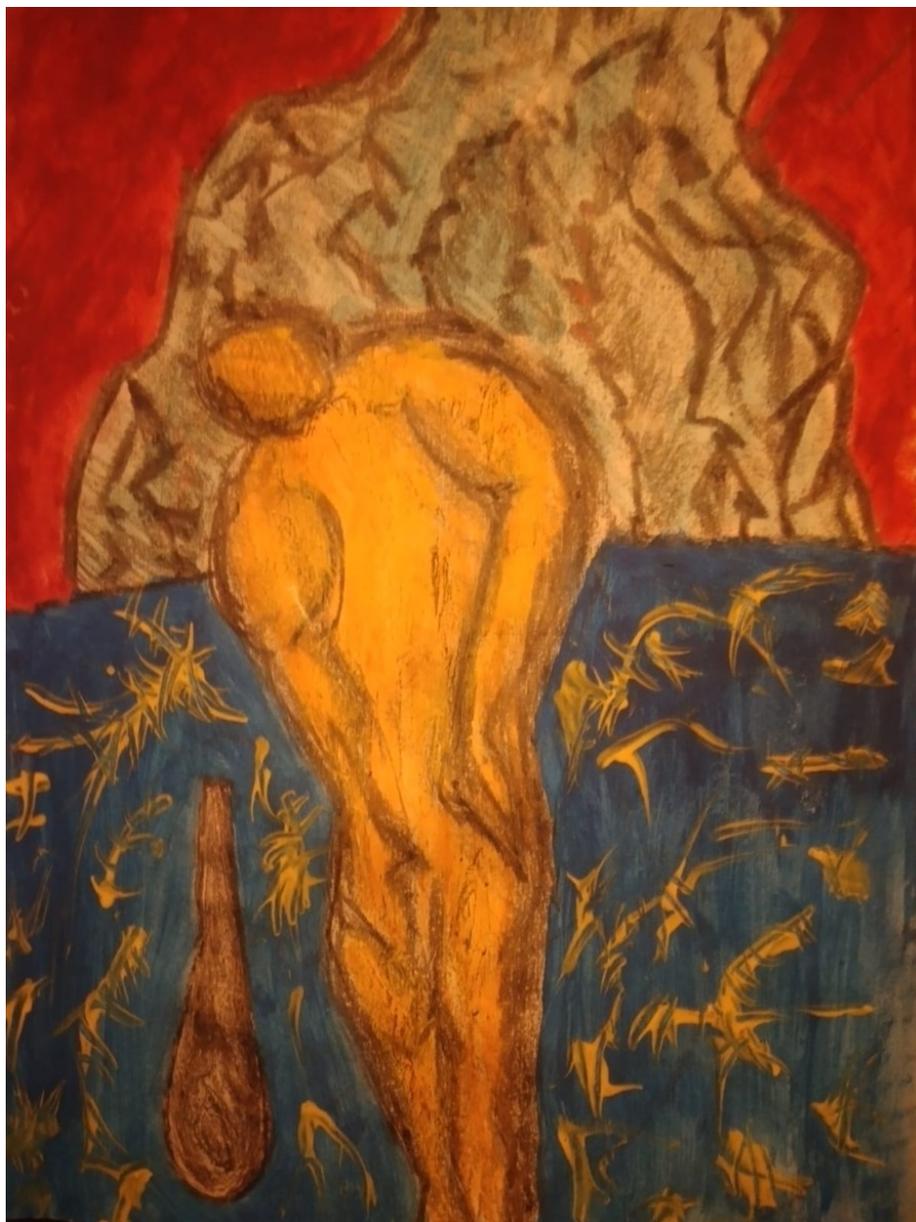
Luís F. dos S. Nascimento

Afabilidade incomum no trato, um jeito todo seu de cultivar amizades, neto, filho, marido e pai afetuoso: Luís Fernandes dos Santos Nascimento foi também estudante, pesquisador e professor de brilho próprio.

Sua graduação se deu na década de 1990, quando a iniciação científica se implanta nos departamentos de filosofia e ciências humanas do Brasil, modificando bastante o perfil dos estudantes universitários, que se ajeitavam como podiam à nova forma de competição e pressão. Em contraste com aquele “profissionalismo” precoce, Luís Nascimento destoava pelo seu aparente “diletantismo”: sem deixar de lado a seriedade dos estudos, suas brincadeiras ajudavam a descontrair um ambiente em que deveria predominar o coleguismo. Pegar uma frase, um gesto, uma ideia fixa do colega ou do professor e transformá-la – sem a menor sombra de maldade – numa caricatura de desenhista amador ou numa cançõeta de quem não sabe tocar violão direito, era para ele uma forma de se entregar e integrar, um traço de união. Nele conviviam sadiamente o duplo orgulho: ser de Osasco e estudar na universidade mais importante do país (talvez necessariamente nessa ordem?). Livrando-o de qualquer laivo de cabotinismo, essa dupla condição lhe proporcionava um modo muito divertido de olhar para os ensinamentos abstratos abstrusos que lhe eram ensinados, mas não sem profundo acolhimento do que aprendia. Esse seu método de aprendizado também valia para seu curioso método de aprender línguas: como uma criança que está começando a entrar no universo da linguagem, ele se fixava primeiro no significante, na sua estranheza e até na sua comicidade, para depois reintegrá-lo ao significado.

Em 2001, defende o mestrado com uma dissertação um tanto heterodoxa (para os padrões de uma monografia) sobre a questão da linguagem em Rousseau, Shaftesbury e Schleiermacher. A preocupação com a linguagem, com as diversas formas de linguagem (pictórica, poética, musical) continuará presente em seus trabalhos posteriores. Em 2016, ele retoma a dissertação, publicando o capítulo dedicado a Schleiermacher como estudo introdutório à seleção e tradução que fez de textos do filósofo e hermeneuta alemão.

O doutorado foi defendido em 2006, em regime de dupla titulação, na Universidade de Clermont-Ferrand (França) e na Universidade de São Paulo. A tese, publicada em livro em 2012, faz uma leitura da obra de Anthony Ashley Cooper, terceiro conde de Shaftesbury, na qual ele procura mostrar como o filósofo inglês recupera na Modernidade a tradição dos exercícios espirituais estoicos. Seguindo as linhas gerais da interpretação do orientador francês, Laurent Jaffro, que havia discutido a herança do estoicismo imperial em Shaftesbury, o trabalho faz uma inflexão bastante própria ao reconstruir o remodelamento da tradição estoica



Trabalho de Luís Nascimento a partir da série *Troglobitas*, do artista uruguaio Pedro Figari. Acervo particular de Ana Carolina Soliva Soria.

operado por Shaftesbury, para quem a formação do caráter moral deve se dar no mesmo compasso que a formação *artística* de si.

Em 2008, ele se tornou docente da Universidade Federal de São Carlos. Fez pós-doutorado na Universidade de São Paulo, onde também foi pesquisador colaborador, e na Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne; fez estágio de pesquisa na Universidade de Mainz.

Não se pode dizer então que tenha aprendido a arte da sociabilidade lendo os autores britânicos de que tanto gostava (embora eles possam tê-la apurado), pois a trouxe consigo para a vida acadêmica. Desde o grupo de estudos da graduação (com Soraya Nour Sckell, Tessa Moura Lacerda e Maurício Keinert), mas também estudando com colegas como Homero Santiago e tantos outros, seu jeito descontraído sempre foi sopro de bom convívio para as tantas equipes de pesquisa que vieram depois: Filosofia das Luzes Britânicas, Ética e Estética: Sensibilidade e Forma e, mais recentemente, Iluminismo à Contraluz (USP) e Ilustração e Modernidade, este último coordenado por ele e Fernão de Oliveira Salles dos Santos Cruz na UFScar. Participou do grupo inicial de estudantes que ajudou a criar a revista *Cadernos de filosofia alemã* e do grupo de pós-graduandos fundador desta própria revista, *Rapsódia*, cujo nome, aliás, é de lavra dele. Foi também um dos criadores da editora Clandestina.

Em suas pesquisas posteriores ao doutorado, Luís Nascimento volta a seus autores de dilação: Diderot, Rousseau e Kant, sem, naturalmente, abandonar Shaftesbury e deixar de flertar com outros autores, como Hume, Reynolds, Sartre. Não há uma linha diretriz única nesses seus ensaios, mas se pode perceber a recorrência de uma temática saída das reflexões do doutorado: o problema da constituição do sujeito na modernidade, ligada à sua formação estética, que implica um trabalho de transformação na e pela linguagem artística ou poética. Um pouco como faz apanhando uma peculiaridade dos amigos, seus textos e exposições partem quase sempre de um ponto preciso na obra do autor analisado, ponto de partida este que é desenvolvido de maneira simples e breve (algo assim já havia sido assinalado por Laurent Jaffro na apresentação a seu livro sobre Shaftesbury). Essa simplicidade e brevidade não raro deixam o ouvinte ou leitor incauto no ar, mas também em geral não se percebe todo o trabalho cuidadoso para se chegar a elas. Um trabalho sem pressa. Como o cultivo dos amigos, Luís sabia que tudo o que realmente importa deve ser muito bem cuidado e guardado:

as ferramentas da oficina, os discos de tango, a vitrola, o fusca herdados do avô, o restaurante armênio de Presidente Altino, e um sem-número de pequenas coisas significativas conservadas desta vez na oficina da memória, de onde costumava desencavá-las para surpresa dos amigos. Muito disso está nos seus textos, escritos sempre com esmero. Com Shaftesbury, ele, que já trazia grande respeito pelos mestres, aprendeu que emulá-los não era desabono, ao contrário. Tinha particular admiração – certamente mais que justificada – por seu professor de francês, Jean Briant. E, ainda nesse terreno mais complexo das afinidades intelectuais, quer me parecer que seu pendor maior o leva a uma proximidade crescente – inclusive temática – com a ensaística literário-filosófica de Bento Prado Jr. (cuja obra sobre Rousseau o fascinou durante o mestrado) e de Luiz Fernando Batista Franklin de Mattos (que confessadamente se inspirou naquele). Os ensaios de Luís Nascimento – como a belíssima leitura do verbete de enciclopédia segundo Diderot – não procuram obviamente imitar a dicção inimitável deste último, mas têm algo de sua armação filológica e literária – erudição apenas em medida bastante para fazer aflorar o problema, não explicitar tudo. Nos últimos tempos, ele estava voltando a trabalhar com algumas ideias que tinha sobre Rousseau, buscava ainda (suspeito) uma articulação fecunda entre o cosmopolitismo estético de Shaftesbury e de Schiller, e estava revisando uma bela tradução sua sobre o *Julgamento de Hércules*, de autoria do filósofo inglês.

Em tudo o que fez, Luís Nascimento parecia ter um compromisso consciente com a leveza, sabendo muito bem, no entanto, o quanto a barra pesava. Perdemos para sempre a chance de continuar aprendendo com ele a arte de ser amável (que era só dele), mas talvez não aquela outra – a de cultivar a memória das coisas realmente importantes – que ele não nos cansou de ensinar. Deixou a mãe, Edna, o pai, Carlos Geraldo, a esposa, Ana Carolina, e o filho Joaquim.